

**Joel Portella Amado**

Doutor em Teologia pela PUC-Rio. Professor de Teologia Sistemática na Graduação e Pós-Graduação em Teologia da PUC-Rio.

# Igreja e Cidade

## Panorama da experiência religiosa nas grandes metrópoles brasileiras

O texto aborda a relação entre a Igreja Católica e os ambientes urbanos a partir das três últimas décadas do século XX. Apresenta inicialmente um resumo histórico, indica, a seguir, os resultados de algumas pesquisas de campo especificamente brasileiras, aponta para o conceito de *inculturação* como o enfoque que tem norteado a atuação católica nas cidades e conclui indicando os principais desafios para as igrejas cristãs em ambiente urbano.

*Palavras-chave: Igreja Católica, urbanização, cidades.*



The text deals with the relationship between the Catholic Church and urban contexts. After briefly historical indications, it refers to some conclusions of two specific Brazilian researches concerning the theme, presents *inculturation* as the current way of the catholic action toward cultures and concludes indicating the main challenges facing not only the catholic church but also other Christian ones in urban situations.

*Keywords: Catholic Church, urbanization, cities.*

### A HISTÓRIA RECENTE

A Igreja Católica sempre esteve presente nas cidades. No entanto, a consciência e a peculiaridade dessa presença começaram, no Brasil, a ser percebidas no final da década de 1960, quando o processo de urbanização se fazia acelerar e as cidades emergiam como um grande desafio. Costumava-se dizer que a Igreja Católica

se sente muito bem no campo, experimentando, porém, desconforto nas cidades. As perguntas emergentes desse fato diziam respeito tanto à atuação da Igreja quanto à compreensão do tipo de desafio que significavam as cidades. A época correspondia, em termos de urbanização brasileira, ao final de um ciclo, em que, a partir do pós Segunda Guerra Mundial, o país ingressava num acelerado processo de industrialização e urba-

nização. Para a Igreja Católica, correspondia à implantação do Concílio Vaticano II, que, entre outros aspectos, assumia o diálogo com a modernidade, declarando solenemente a importância de se assumir “as alegrias e as esperanças dos homens de hoje, sobretudo dos que sofrem”.<sup>1</sup> Embora as cidades, como tal, não apareçam explicitamente na temática

abordada pelo Concílio, o chamado a uma maior atenção para a vida das pessoas acabou por despertar o interesse no tema. Um olhar, por exemplo, sobre as conferências do Episcopado Latino-Americano ocorridas após o Concílio vai mostrar a crescente importância que o tema sofreu.

Na Conferência de Medellín (1968),<sup>2</sup> as



Correio da Manhã, Arquivo Nacional.

idades apareciam dentro do tema família. O diálogo com as cidades passaria, de acordo com a visão daquele momento, pela atuação junto às famílias, sendo uma consequência desse trabalho.<sup>5</sup> Não se via ainda as cidades como um desafio em si. O tema reapareceu, onze anos mais tarde, na Conferência de Puebla (1979), começando a adquirir ali importância própria, na medida em que se percebiam as interpelações específicas da vida nas cidades, notadamente as questões relativas à pobreza nas periferias.<sup>4</sup>

Paralelamente, alguns estudos a respeito da presença da Igreja Católica nas cidades começavam também a ser publicados.<sup>5</sup> Havia, por exemplo, um forte questionamento a respeito da eficácia das estruturas paroquiais, tão adaptadas ao meio rural, no mundo das cidades. Também a experiência das comunidades eclesiais de base, as conhecidas CEBs, sofria o questionamento acerca de sua implantação fora do ambiente rural ou das periferias. Por trás desses questionamentos, a temática das cidades crescia, adquirindo gradativamente status próprio.

Foi, todavia, na IV Conferência do Episcopado Latino-Americano, em Santo Domingo (1992), que a questão urbana adquiriu identidade própria, como desafio à evangelização. Ali, o tema da cultura urbana recebeu destaque, ao lado das culturas ameríndia e afrodescendente, já destacadas em Puebla e assumidas na prática da Igreja. Em Santo Domingo,

reconhecia-se a impossibilidade da Igreja Católica responder aos desafios atuais, mesmo dentro das duas culturas referidas, sem considerar o fenômeno urbano com suas implicações.<sup>6</sup> A cidade é assumida como desafio pastoral, em virtude de uma visão de mundo excessivamente centrada no consumo, alicerçada na mídia e tendo como consequência altos índices de pobreza e exclusão social. Desse modo, pode-se dizer que foi a partir da década de 1990 que a questão urbana efetivamente se tornou um dos grandes eixos pelos quais passaria a reflexão e a prática da Igreja Católica. Obras específicas começaram a ser publicadas, buscando sistematizar o que até então vinha sendo tateado, sempre no desejo de entender os mecanismos subjacentes à vida nas cidades e suas implicações para a missão da Igreja.<sup>7</sup>

Outro exemplo de ingresso gradativo na temática da urbanização têm sido os Encontros Nacionais de Presbíteros (ENP), que, reunindo padres de todo o país, buscam refletir sobre a sua atuação diante dos desafios do momento. Entre 1985 e 2004, foram realizados dez encontros.<sup>8</sup> A questão urbana, como aspecto incisivo sobre a pessoa e a atuação dos padres, apareceu pela primeira vez e como tema central no V ENP (1994: *O presbítero no processo de urbanização*),<sup>9</sup> voltando com toda intensidade no VI ENP (1996: *O presbítero – missionário, profeta e pastor no mundo urbano*),<sup>10</sup> não mais saindo do conjunto das questões centrais. O interessante a observar, nes-

se processo histórico dos encontros nacionais dos padres, é que as temáticas são escolhidas por eleição ao final do encontro anterior e, portanto, em meados da década de 1990, também eles se sentiam interpelados pela presença da Igreja nas grandes cidades, e a preocupação permanece como referência, mesmo que outros temas tenham sido escolhidos a partir do VII ENP (1998).

#### O ENFOQUE ESPECÍFICO

**N**a medida em que trabalha com o religioso e os valores éticos dele decorrentes, a Igreja Católica aborda o fenômeno urbano a partir de um enfoque específico que é o da relação com as culturas. Historicamente, a temática das culturas adquiriu status de preocupação no mesmo período em que a questão urbana começou a ser assumida. Isso porque entre as duas existe um inevitável vínculo, o qual, por sua vez, encontra-se diretamente ligado ao modo como a Igreja Católica compreende sua atuação, seu evangelizar. Não se trata de executar apenas ritos religiosos, mas interagir com a totalidade da vida de pessoas, grupos e povos.<sup>11</sup> Os ritos participam desse processo mais amplo.

Nesse diálogo com as culturas, já em meados da década de 1970 era construído um termo hábil o suficiente para expressar a relação que, em fidelidade às origens da Igreja Católica, pudesse expressar, ao mesmo tempo, respeito às culturas, sem, todavia, negar a

dinâmica interpeladora do Evangelho sobre as mesmas. Nascia, então, o termo *inculturação*, que apresenta, no seu conteúdo, um duplo movimento: do Evangelho às culturas e das culturas às compreensões e vivências que se tem do Evangelho.<sup>12</sup>

#### O CONHECIMENTO DA REALIDADE RELIGIOSA URBANA NO BRASIL

**O** primeiro passo da inculturação consiste em compreender a realidade com a qual se quer dialogar, o ambiente no qual, como se diz em linguagem específica dos ambientes católicos, inculturar. Nesse sentido, o final da década de 1990 se caracterizou pela realização de trabalhos científicos voltados para a captação do que, de fato, ocorre na vida das cidades. Um desses trabalhos dedicou-se a recolher as conclusões dos Censos de 1991 e 2000, especificamente no que diz respeito à filiação religiosa, e inseri-las no mapa do Brasil, de modo que se pudesse ter uma visão mais ampla, mas abrangente de onde e como estão, em relação aos índices demográficos e sociais, as religiões no país.<sup>13</sup> Esse trabalho, mais conhecido como *Atlas da filiação religiosa*, revelou, por exemplo, que as porcentagens de católicos no conjunto da população total segue o modelo de organização do espaço no Brasil, que é o de tipo centro-periferia. Quanto mais distante do centro, menor é o índice de católicos, notadamente nas regiões metropolitanas de Belém, Salvador, Vitória, Rio de Ja-

neiro e São Paulo.<sup>14</sup>

Paralelamente à elaboração do Atlas, o Centro de Estatística Religiosa e Investigações Sociais (CERIS) iniciava, em parceria com o Instituto Nacional de Pastoral (INP), órgão da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), uma pesquisa para captar não só os índices quantitativos dos católicos nas grandes cidades, mas também o seu modo específico de se relacionar com a globalidade da vida e, mais concretamente, com Deus e com a(s) religião(ões). A pesquisa centrou seu foco em Belo Horizonte, Porto Alegre, Recife, Rio de Janeiro, Salvador e São Paulo. Os resultados foram publicados<sup>15</sup> e apresentados em seminários que reuniram especialistas, internos e externos à vida da Igreja, em cada uma dessas cidades.<sup>16</sup>

No que diz respeito ao especificamente religioso, a pesquisa do CERIS destacou a existência de uma mutação religiosa em curso no Brasil.<sup>17</sup> Crescem os números tanto de pessoas que se identificam com os ramos mais recentes do protes-

tantismo, em especial os ligados ao pentecostalismo, quanto daquelas que se declaram sem religião. Trata-se, portanto, não apenas de uma diversificação religiosa, mas de um redirecionamento da tendência religiosa, fato que, por sua vez, aponta para uma transformação na identidade cultural do brasileiro, acostumado a ligar o fato de ser brasileiro ao de ser católico.

Além disso, o trabalho do CERIS buscou detectar os conteúdos que as pessoas atribuem às suas crenças. O resultado final revelou estarmos diante de um processo de adesão seletiva de conteúdos, a partir da qual se constroem sistemas de crenças, pessoais ou grupais, em que são reunidos aspectos originários de distintas tradições religiosas, mesmo que, para uma leitura feita a partir de dentro de cada uma destas tradições, alguns aspectos sejam considerados contraditórios.<sup>18</sup>

Essa adesão seletiva a conteúdos encontra-se, não de modo exclusivo, porém agudo, articulada com o mencionado fe-

**Tabela 1**

<b>Acreditam</b>	<b>Católicos</b>	<b>Não católicos</b>
Em Deus	96,5%	87,0%
Em Jesus Cristo	93,0%	79,9%
Na Bíblia	86,4%	70,3%
Nos santos	72,2%	25,3%
Na Ressurreição	70,7%	58,1%

nômeno dos *sem religião*, uma terminologia que nem sempre permite captar o que, de fato, lhe está subjacente. A chamada ausência de religião não se dirige, de imediato, à aceitação ou rejeição da transcendência em si, mas às concretizações histórico-sociais das crenças em religiões institucionalizadas. Trata-se muito mais de uma rejeição a conteúdos e instituições únicos, com proposta de exclusividade, do que à existência ou não de um ser transcendente. Este, de acordo com a pesquisa, é aceito como existente. O que, entretanto, ultrapassa essa afirmação ingressa no campo da discutibilidade. Cada pessoa ou grupo dá ao transcendente o conteúdo que melhor lhe convier. É por isso que adquire destaque a crença em Deus como *força superior*. Ele existe, mas esse fato não conduz a qualquer implicação em termos de pertença religiosa mais definitiva. De acordo com a pesquisa do CERIS, esse tipo de atitude atinge 15% dos entrevistados. Quando somamos os índices das seis religiões pesquisadas,<sup>19</sup> percebemos com facilidade esses aspectos.

Os índices de crença em Deus, enquanto concepção genérica, permanecem praticamente os mesmos. A diminuição começa a ocorrer quando a referência se dirige a Jesus Cristo, à Bíblia, chegando, no caso mais extremo, dentre os conteúdos selecionados, à crença nos santos. No que diz respeito a Jesus Cristo e à Bíblia, o motivo do decréscimo pode ser encontrado naquele percentual dos que se contentam em crer numa *força supe-*

*rior*, sem qualquer outro qualificativo. Jesus Cristo e Bíblia são distintivos de uma crença que já possui perfil, ainda que amplo. A indicação do item crença nos santos, conteúdo especificamente católico, revela mais forte decréscimo porque especifica ainda mais o perfil daquilo em que se crê. É certo que, nessa diminuição, encontra-se o crescente fenômeno de um certo tipo de protestantização da religiosidade urbana, fato pelo qual o item crença nos santos, ponto de discordância entre católicos e protestantes, decai tanto quando se passa da coluna católicos para não-católicos. O mesmo se pode dizer a respeito da crença na ressurreição. Chama, contudo, a atenção o decréscimo que vai ocorrendo na coluna que se refere aos católicos. Ali também se pode perceber que, quanto mais amplo e difuso o horizonte da crença, maior é o índice de adesão. Ao contrário, quanto maior o detalhamento, menor o índice de adesão.

Por sua vez, os baixos índices de adesão institucional e os altos índices de adesão seletiva de conteúdos mostraram-se articulados com um acentuado processo de individualização. O motivo das crenças foi respondido na tabela 2.<sup>20</sup>

Nesta tabela, podemos dividir as motivações em dois grupos. De um lado, os que seguem uma determinada religião em virtude da tradição ou influência familiar. O índice, absolutamente considerado, permanece alto entre os católicos, reduzindo-se praticamente à metade quando

passamos para a coluna dos não católicos. Os dados tornam-se, no entanto, mais esclarecedores quando estabelecemos certas identificações entre os motivos apresentados. Na medida em que essas identificações levam em conta a primazia do elemento objetivo, de um lado, e do subjetivo, de outro, os itens “Sentido da vida, paz, harmonia”, “Deus próximo” e “Graça alcançada” ratificam a tendência à individualização das motivações. O item relativo à devoção a um santo ou à Virgem Maria dependerá de maior detalhamento, uma vez que pode ser inserido nos dois aspectos, tanto do lado objetivo, quando se acredita por tradição, quanto no subjetivo, quando Maria ou os santos atuam como instrumentos de graças individuais. O interessante a destacar é que a soma desses itens identificará, portanto, uma tendência não apenas do catolicismo, mas da experiência religiosa em geral nas grandes cidades, tendência que oscila entre a

tradicionalização e a individualização das crenças. No primeiro caso, permanece a importância da instituição como portadora de valores tradicionais e de uma verdade religiosa, à qual se deve aderir. No segundo caso, emerge o indivíduo como critério último de valoração e opção da experiência religiosa. As diversas motivações apresentadas, ainda que possuam distintas verbalizações, quando somadas indicam estarmos diante de um processo de subjetivação e privatização das crenças, no qual as instituições religiosas garantem seu lugar muito mais por responderem, muitas vezes na totalidade e exclusivamente, os interesses e as necessidades emocionais, afetivas e patrimoniais das pessoas, do que por possuírem verdades objetivas, reveladas, às quais cumpre aderir com inevitáveis decorrências éticas. Trata-se, pois, de um processo em que as duas vertentes se misturam e se fazem presentes, porém com forte acento na dinâmica

**Tabela 2**

<b>Acreditam por</b>	<b>Católicos</b>	<b>Não católicos</b>
Sentido da vida, paz, harmonia.	37,2 %	31,1 %
Influência ou tradição familiar	26,5 %	13,4 %
Deus próximo	13,7 %	17,3 %
Devoção a Maria ou a um santo	4,9 %	0,7 %
Alcançou uma graça	1,2 %	3,2 %
Outras possibilidades de menor incidência	4,4 %	7,3 %
Não responderam	12,1 %	27,0 %

Tabela 3

Acreditam por	Católicos	Não católicos
Experiência pessoal, individual	52,1 %	51,6 %
Dado objetivo	26,5 %	13,4 %
Devoção a Maria ou a um santo	4,9 %	0,7 %
Outras possibilidades de menor incidência	4,4 %	7,3 %
Não responderam	12,1 %	27,0 %

individualizadora. A tabela 3 manifesta com clareza esse aspecto.<sup>21</sup> Esta tabela indica que a Igreja Católica ainda pode considerar o aspecto institucional como terreno hábil a se fazer presente nas grandes cidades. Não é tão raro se encontrar pessoas e grupos que, entre as instituições de significativa credibilidade social, indicam a Igreja Católica. O interessante é perceber que, mesmo nesses casos, a crença na validade institucional da Igreja parece estar muito mais justificada nas práticas éticas e solidárias do que na aceitação da origem sobrenatural da Igreja. Já não se trata, portanto, da Igreja Católica considerar sua atuação nos ambientes urbanos a partir de pressupostos única ou predominantemente de natureza histórico-tradicional ou de apenas afirmar sua origem sobrenatural. Esses fatos não se discutem aqui. O que se quer chamar a atenção refere-se à dificuldade do ambiente urbano em acolher e valorizar esse tipo de motivação. Ela pode ser verdadeira para deter-

minado grupo religioso, não possuindo, contudo, tanta força sociocultural a ponto deste grupo, seja o católico, seja outro qualquer, poder sobre ela alicerçar a maior parte de sua atuação.

#### AS MARCAS URBANAS E A RELIGIOSIDADE DECORRENTE

O resultado dessas pesquisas re-  
 tifica e insere no quadro brasileiro que o mundo urbano é, acima de tudo, o mundo da individualidade, da mobilidade e do experimento. Mais do que uma distinção tópica, em que urbano e rural tendem a se identificar com certa facilidade, a reflexão da Igreja Católica, a respeito de sua relação com as grandes cidades e com o mundo urbano em geral, tende a considerar algumas categorias que, de acordo com sua incidência, determinam que um ambiente seja pré-urbano ou urbano.<sup>22</sup> Um ambiente pré-urbano se caracteriza muito mais pela primazia do grupo sobre o indivíduo, da estabilidade sobre a mobili-

dade e da tradição sobre o experimento. Ao contrário, quanto maior for a predominância do indivíduo sobre o grupo, da mobilidade sobre a estabilidade e do experimento sobre a tradição, mais agudos serão os índices de urbanização, independentemente de estarmos num ambiente agrícola ou no meio de uma cidade. Por certo, entre as cidades e a urbanização existe uma certa correlação, mas não uma oposição, como se fosse possível, em certo momento, encontrar com facilidade ambientes pré-urbanos. Estes, na diversidade do mundo, existem e poderão ser encontrados em situações de forte fechamento ao entorno e de baixo contato com os hodiernos meios de comunicação. Por sua vez, as cidades, se não abrangem a totalidade do fenômeno urbano, apresentam-se como suas catalisadoras, vivendo-o de modo mais intenso e exportando-o através dos mencionados meios de comunicação social.<sup>23</sup>

#### O DESAFIO

**C**aracterizado o mundo urbano em seu estágio atual, importa discernir os parâmetros desta interação. De acordo com o atual momento da reflexão e da prática da Igreja Católica, isto é, para a consciência da inculturação, é indispensável distinguir entre a fé e suas concretizações histórico-culturais. Se, por um lado, a fé se manifesta e se concretiza por meio de categorias socioculturais, é próprio da identidade da Igreja Católica afirmar a primazia e a imutabilidade dos conteú-

dos da fé e a relativização das concretizações socioculturais. A perpetuação da Igreja Católica, quando vista a partir do enfoque histórico-cultural, pode ser compreendida em virtude desta capacidade de se encarnar nas diversas culturas, nos diversos povos e mentalidades, permanecendo, todavia, a mesma Igreja. Para o modo como a Igreja Católica compreende sua identidade, de origem sobrenatural e basilarmente centrada na exclusividade e universalidade da pessoa e da mensagem de Jesus Cristo, cultura alguma possui a capacidade de abranger o Evangelho em sua plenitude. Não há, portanto, cultura perfeita, acabada, superior às outras. Existem culturas, diante das quais há de sempre se fazer o discernimento.

No caso específico da cultura urbana, a mutação no perfil religioso brasileiro acentua para algumas possibilidades de atuação da Igreja Católica, que deve considerar, pelo menos: 1) a redução quantitativa dos católicos nos amplos cinturões de pobreza que envolvem as grandes cidades; 2) o crescente processo de desinstitucionalização-individualização das crenças, manifestado na adesão seletiva de conteúdos e na afirmação explícita de não se ter uma religião definida; e 3) o fato de que não se trata de um fenômeno que afeta exclusivamente a Igreja Católica, mas sim de um perfil religioso sociocultural, típico dos ambientes urbanos atuais, que pedem novas compreensões de todos os grandes conteúdos da vida, entre os quais a relação

com a transcendência e suas implicações existenciais. Esses são os três principais aspectos a se considerar na relação da Igreja Católica com as grandes cidades. No que diz respeito ao processo de individualização, a Igreja Católica o reconhece como ambíguo. Ele é positivo enquanto permite a valorização de cada pessoa e a liberdade que ela tem para aderir ou não a uma determinada proposta. Nesse sentido, a mentalidade urbana

e o Evangelho se tangenciam, pois sem a livre adesão não existe efetiva experiência cristã. O distanciamento entre o conteúdo da mensagem cristã e a mentalidade urbana começa a surgir quando esta, ainda que por diversos caminhos, afirma uma individualidade fechada ao efetivo e interpelante relacionamento. O cristianismo vê o ser humano como constitutivamente relacional<sup>24</sup> e esta relacionalidade implica opção e acolhi-



Imagem de São Sebastião na Igreja de São Francisco.1967. Correio da Manhã, Arquivo Nacional.

mento, numa dinâmica histórica dentro da qual um ou outro aspecto possa ter primazia momentânea, mas nunca exclusividade. Ao declarar que a experiência cristã e o sentido da existência humana carregam em si uma forte dose de acolhimento, o cristianismo quer afirmar que todo ser humano, se, por um lado, tem valor e direito inalienável a optar, nem por isso deve deixar de lado a outra postura igualmente humana de acolher algo que o ultrapassa, o transcende.

Essa é a razão pela qual tem gradativamente crescido, na Igreja Católica, a preocupação com o jeito que a mentalidade urbana atual tem para lidar com o transcendente. Trata-se, como antes mencionado, de uma postura sociocultural, que atravessa as confessionalidades, julgando-as e as assumindo até mesmo parcialmente, por meio do processo de adesão seletiva. No mundo urbano, técnico, científico, informatizado, em que, por princípio, as necessidades devem ser imediatamente satisfeitas, sem maiores questionamentos, emerge uma postura que enquadra o transcendente nessa mesma escala de valores. Deus serve na medida em que *me* atende, *me* satisfaz, resolve *meus* problemas. Já não é tanto o Deus que também interpela, incomoda e até mesmo desagrada, no sentido de que mostra os limites e as contradições das *minhas* opções. É cada vez mais o Deus ininterruptamente *on line*, em banda-larga, cuja eficácia é mensurada a partir do atendimento imediato das ne-

cessidades.<sup>25</sup> Não se trata, por certo, de se apregoar uma relação com a transcendência na qual predomine o medo, o terror e a ausência do fascínio ou do prazer, como, em muitos momentos da história da humanidade, já aconteceu. Pelo contrário, fascínio e prazer também fazem parte da relação com a transcendência. Só não podem ser exclusivos.<sup>26</sup> Se o forem, tornar-se-ão geradores de práticas individualistas, excludentes, com desprezo, ainda que tácito, da pobreza alheia e decorrentes posturas solidárias e político-transformadoras.

Se, nesta dinâmica entre identificação e distanciamento, os cristãos já passaram por glórias e vicissitudes históricas, o momento atual pede, da Igreja Católica e das demais igrejas cristãs, uma postura crítica em relação ao mundo urbano e sua subjacente relação com Deus. É fato que estamos diante de um novo momento de reconfiguração social, econômica, política e cultural no mundo, momento em que, correspondendo a uma transformação no sistema capitalista, exacerbou-se a dinâmica do consumo e até o próprio Deus passa a ser visto sob essa ótica. Essa perspectiva se faz presente nas escolhas pessoais dos conteúdos das crenças e na constituição de novas religiões, típicas deste momento histórico e que, por isso mesmo, incorporam em si aspectos de diversas tradições, interligados agora exatamente pela ótica do consumo individual. Essa perspectiva se faz também presente dentro das religiões

historicamente mais antigas, na medida em que, tanto na Igreja Católica quanto nas outras igrejas cristãs, emergem tendências predominantemente voltadas para a satisfação individual das necessidades, mensuradas a partir do consumo.

Não se nega aqui a forte vinculação, por exemplo, entre o desejo de soluções eficazes e imediatas, de um lado, e, de outro, os bolsões de pobreza ao redor das conurbações. A exclusão social encontra-se fortemente articulada com a descrença nas instâncias históricas de transformação social. A rarefação da função social do Estado e a concepção da cidade como empresa, entre outros fatores, acabam por não permitir às vítimas desse processo o vislumbrar de uma efetiva solução a prazo curto. Daí, a volta para o transcendente também como caminho hábil a solucionar os problemas humanos que decorrem da pobreza. É, desse modo, a mesma dinâmica da individualização e do consumo, só que atuando numa outra vertente, a dos pobres e excluídos. Num contexto assim delineado, cabe à Igreja Católica e às outras igrejas cristãs, mais do que um discernimento, uma opção. Como interagir nestes ambientes? Fechar-se num purismo religioso e fundamentalista? Identificar-se, sem mais, com a postura do consumo individual e imediato? A resposta a essas questões é longa e exige um detalhamento que ultrapassa os limites desta reflexão de natureza mais histórica.<sup>27</sup> O ponto de partida, no entanto,

é claro e deve ser aqui destacado. Do mesmo modo como se afirma o valor do aspecto individual, mas não do individualismo, também é preciso que se afirme a sensibilidade para as questões relativas à exclusão social, atuando, porém, não de forma mágica, isto é, considerando a origem e/ou a solução dos problemas humanos como predominante ou até mesmo exclusivamente sobrenatural. Ao contrário, é preciso manter a atenção voltada para as causas intra-históricas desta exclusão. Emerge, assim, a consciência da Igreja Católica, de que, ao mesmo tempo em que precisa reconfigurar determinadas práticas internas para melhor dialogar com os ambientes urbanos,<sup>28</sup> também necessita assumir, com realismo e objetividade, os desafios oriundos da exclusão social, da destruição ecológica, da violência, da ética do consumo e da vingança, buscando, em parceria com outras instâncias da sociedade, soluções onde efetivamente se encontram as causas dos problemas. Não se trata, portanto, para a Igreja Católica, de apenas se preocupar com o aumento ou decréscimo no número de seus fiéis, mas também, de acordo com sua autocompreensão, de incidir socialmente de modo a que todos se beneficiem de um mundo mais humano e mais de acordo com o que a Igreja Católica compreende ser a vontade de Deus, manifestada na pessoa e na mensagem de Jesus Cristo, cujos ensinamentos envolvem, por exemplo, fraternidade, solidariedade, partilha e reconciliação.

1. Concílio Vaticano II, *Constituição pastoral Gaudium et Spes sobre a Igreja no mundo de hoje*, 1.
2. CELAM, *A Igreja na atual transformação da América Latina a luz do Concílio: conclusões de Medellín*, II Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano, Petrópolis, Vozes, 1969.
3. Afirmava-se, por exemplo, que a instituição familiar perde sua importância nas cidades, enquanto, no campo, ainda permanecia fortalecida.
4. CELAM, III Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano, Puebla de Los Angeles, 1979, segunda parte, cap. 2, item 2.4. O tema das cidades aparece no conjunto do que se chamava de "evangelização da cultura": "Na passagem da cultura agrária para a urbano-industrial, a cidade se transforma em propulsora da nova civilização universal. Este fato requer um novo discernimento por parte da Igreja. Globalmente, deve inspirar-se na visão da Bíblia, a qual, ao mesmo tempo que comprova positivamente a tendência dos homens à criação de cidades onde conviver de um modo mais associado e humano, é crítica da dimensão desumana do pecado que nelas se origina".
5. Affonso Felipe Gregory (org.), *A paróquia, ontem, hoje e amanhã*, Petrópolis, Vozes, 1967; Affonso Felipe Gregory, *Comunidades eclesiais de base: utopia ou realidade*, Petrópolis, Vozes, 1973.
6. CELAM, IV Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano, Santo Domingo, 1992. Aqui segunda parte, cap. 3, item 3.3.2: "A América Latina e o Caribe acham-se hoje num processo acelerado de urbanização. A cidade pós-industrial não representa só uma variante do tradicional habitat humano, mas constitui, de fato, a passagem da cultura rural à cultura urbana, sede e motor da nova civilização universal. Nela altera-se a forma com a qual num grupo social, num povo, numa nação, os homens cultivam sua relação consigo mesmo, com os outros, com a natureza e com Deus".
7. João Batista Libânio, *As lógicas da cidade: o impacto sobre a fé e sob o impacto da fé*, São Paulo, Loyola, 2001.
8. Comissão Nacional de Presbíteros (CNP), *Presbíteros do Brasil: construindo história*, São Paulo, Paulinas, 2001. Trata-se aqui do recolhimento de toda a documentação relativa aos nove encontros nacionais.
9. No V ENP, os padres voltaram-se para a questão urbana profundamente marcados pela violência: "A violência é, de certa forma, a característica das sociedades de grande urbanização (...)". *Presbíteros do Brasil*, op. cit., p. 216ss.
10. "Quer sejam grandes arquidioceses ou até prelazias amazônicas, é muito provável que você encontrará o tema pastoral urbana inúmeras vezes. Isto mostrará que, quando a Igreja fala em urbano, ela não está se referindo apenas a um espaço cheio de edifícios e favelas, ruas e becos. Esta expressão esconde algo mais; algo que ocorre nas grandes metrópoles, mas também em pequenas cidades do interior. Este algo é, na verdade, uma grande mudança sociológica, que é preciso compreender". *Ibidem*, p. 252.
11. Paulo VI, *Exortação apostólica Evangelii Nuntiandi sobre a evangelização no mundo contemporâneo*, 1975, nn 18-19: "A finalidade da evangelização, portanto, é precisamente esta mudança interior; e se fosse necessário traduzir isso em breves termos, o mais exato seria dizer que a Igreja evangeliza quando, unicamente firmada na potência divina da mensagem que proclama, ela procura converter ao mesmo tempo a consciência pessoal e coletiva dos homens, a atividade em que eles se aplicam, e a vida e o meio concreto que lhes são próprios (...) chegar a atingir e como que a modificar pela força do Evangelho os critérios de julgar, os valores que contam, os centros de interesse, as linhas de pensamento, as fontes inspiradoras e os modelos de vida da humanidade".
12. Na literatura especificamente teológica, muitas têm sido as obras que refletem sobre o tema da inculturação. Entre elas, destaca-se: Mário de França Miranda, *Inculturação da fé: uma abordagem teológica*, São Paulo, Loyola, 2001, p. 15-39.

13. Cesar Romero Jacob et al., *Atlas da filiação religiosa e indicadores sociais no Brasil*, São Paulo, Loyola, 2003.
14. ibidem, p. 16.
15. Luiz Alberto Gómez Souza e Sílvia Regina Fernandes (orgs.), *Desafios do catolicismo na cidade: pesquisa em regiões metropolitanas brasileiras*, São Paulo, Paulus, 2002. Mencionado, a partir daqui, através da sigla CERIS.
16. No Rio de Janeiro, o seminário ocorrido na PUC permitiu a publicação, em agosto de 2002, de um fascículo especial da revista *Magis* – cadernos de fé e cultura, que teve como título *Dilemas e desafios da pastoral urbana*.
17. Cf. Andréa Damacena Martins, Crenças e motivações religiosas, em CERIS, op. cit., p. 60ss.
18. ibidem, p. 62-63.
19. cf. CERIS, op.cit., p. 74.
20. idem.
21. idem.
22. Cf. Jean Remy e Liliane Voyé, *La ville et l'urbanization: modalités d'analyse sociologique*, Louvain, Duculot, 1974, p. 70-152
23. Cf. Joel Portella Amado, Inculturação da fé na cultura urbana, em Sinivaldo S. Tavares (org.), *Inculturação da fé*, Petrópolis, Vozes, 2001, p. 107-117.
24. Cf. Alfonso Garcia Rubio, *Elementos de antropologia teológica: salvação cristã: salvos de quê e para quê?*, Petrópolis, Vozes, 2004, p. 103-273.
25. Assim se explica, por exemplo, a migração entre confessionalidades à primeira vista similares, como acontece nas igrejas de vertente pentecostal. Migra-se, muitas vezes, porque na outra igreja os milagres acontecem com maior abundância e rapidez.
26. Cf. João Batista Libânio, op. cit., p. 109-110.
27. Cf. Joel Portella Amado, Experiência eclesial e mundo urbano: pressupostos e concretizações, em *Atualidade Teológica*, n. 9, 2001, p. 153-167.
28. ibidem, p. 156-157.